



## 1.5 • Conjuntura internacional

### Mandela: o construtor de pontes

António Mateus

“O QUE CONTA NA VIDA não é o mero facto de termos existido mas sim o impacto que a nossa vida tenha tido na de outros” – *Nelson Mandela*. É público e elogiado à escala global que o governo de Nelson Mandela, saído das primeiras eleições multirraciais na África do Sul, em Abril de 1994, tenho incluído diversos elementos do regime que o mantivera na prisão durante 27 anos.

Bem menos conhecido é que, para o mesmo executivo, Mandela tenha escolhido algumas das personalidades que lhe eram mais críticas dentro do seu próprio partido, o Congresso Nacional Africano (ANC).

Quando os jornalistas lhe perguntaram porque atribuíra um lugar ministerial a Pallo Jordan, um radical leninista que recorrentemente o criticava em público, Mandela sorriu e, com humor, respondeu que certamente sairia mais em conta ao erário público formar um governo de espelhos.

E menores seriam também as suas dores de cabeça na presidência do Conselho de Ministros. Mas também as possibilidades de tomar a decisão mais ponderada e adequada.

No exercício do poder público, Mandela defendia que, se uma convicção ou projecto não resistissem ao teste de um debate vigoroso e frontal, era porque não tinham a solidez necessária. Mais valia arrepiar-se caminho à partida em projectos governativos mancos do que arrastar com eles os sonhos de milhões.



**Ilha Robben.** Ilha-prisão de segurança máxima situada perto da Cidade do Cabo, onde Nelson Mandela cumpriu dezoito dos vinte e sete anos de prisão.

Para Mandela, o pensamento diferente, divergente, é uma oportunidade de nos acrescentarmos e não uma ameaça e, muito menos, uma traição. No conceito, praticado, de Nelson Mandela, só um líder fraco se rodeia de vozes anuentes. E, daí, o estilo de liderança que nele testemunhámos durante quase década e meia, desde que foi libertado até se retirar da vida pública, em 2004.

“Ninguém é livre enquanto não libertar o seu carcereiro” – insistia quando lhe perguntávamos onde ia buscar aquele sentido de perdão, o sorriso e afabilidade para com os que tantas privações e indignidades lhe tinham imposto. E nós fomos trocando a incredulidade, pela dúvida e, por fim, esta por um sentimento de sabedoria existencial decantada.

“  
Para Mandela, o pensamento diferente, divergente, é uma oportunidade de nos acrescentarmos e não uma ameaça e, muito menos, uma traição.”

Desde que saíra da prisão de Victor Verster, Mandela era um ser profundamente transformado, do homem egocêntrico, intempestivo e intolerante, como os próprios amigos o descreviam à data da sua condenação a pena perpétua, nos anos 60.

“Ser livre não é apenas remover as algemas mas viver de forma a reforçar a liberdade dos outros” – é uma pérola de vida de Mandela inscrita na sua biografia *A longa caminhada para a liberdade* escrita, de facto, pelo diretor da revista *Time* Richard Stengel e editada por Ahmed Kathrada, o melhor amigo ainda vivo de Madiba.

Ahmed, o homem que fora preso (e condenado junto com Mandela) disfarçado de português (Pedro Pereira), poderia viver agora no maior luxo, mas escolheu fazê-lo num apartamento modesto do bairro de Killarney, num ascetismo de respeito para com os mais despojados do seu país.

Sobre o seu amigo escreveria Mandela: “as nossas histórias de vida tornaram-se de tal forma entrelaçadas que relatar uma sem a voz do outro ser escutada resultaria numa narrativa incompleta. A coragem e o compromisso de Kathy [Kathrada] com os seus companheiros são lendários. A sua sensatez madura foi um ingrediente importante de todas as nossas discussões e deliberações”.

É Kathy quem me revela aspectos menos conhecidos das penas impostas a Mandela na prisão. Numa cadeia de alta segurança reservada a não-

-brancos, até o regime alimentar da Ilha-prisão de Robben espelhava a discriminação racial do *apartheid*, numa escada de subtração de direitos onde os negros ocupavam o patamar mais baixo.

Foi por isso que Mandela não recebeu uma fatia de pão que fosse durante uma década, nem acúcar. E era forçado, como os restantes sentenciados negros, a usar calções e sandálias, em vez de calças e sapatos, num rito de humilhação.

Mas quando as autoridades prisionais lhe abriram a possibilidade de tratamento de exceção, Mandela recusou-o, enquanto todos os presos não fossem vistos como iguais, em termos de direitos.

Na sabedoria africana, há um conceito inscrito e citado inúmeras vezes por Mandela; UBUNTU! Que significa, em traços gerais, “só sou humano através de ti. A minha humanidade e a tua estão interligadas”. “Só sou feliz se tu também o fores”. E foi essa sua postura de humildade genuína, no assumir de responsabilidades públicas, que conquistou os que o escutavam quando, depois de ser libertado, discursou pela primeira vez, da varanda do município, na Cidade do Cabo:

“Ergo-me aqui não como um profeta mas sim como um humilde servidor de vós; o povo!”; – Mandela libertava as palavras, aos pares, aos trios, cadenciado, proferidas como quem prega um edital. Esculpindo-as numa promessa para cumprir, correndo o risco, assumido, de se tornar fastidioso no escutar.

Não era – sabia-o – um orador de primeira linha; os seus discursos percorriam sucessivos considerandos antes de abordarem o parágrafo-guia. E esse sim, adicionava-nos quase sempre uma pérola de saber, uma mensagem humanizadora pela qual aprendemos todos, jornalistas incluídos, a aguardar, do homem que só falava depois de ponderar cada palavra.

Mandela formava com Desmond Tutu o panteão moral de um país associado durante décadas a um crime contra a humanidade por ambos combatido; o *apartheid*. Pilares de um combate depurado, nessa viagem temporal, num crescente rigor ético humanizador.

#### Ninguém é livre enquanto não libertar o seu carcereiro

Por isso mesmo, quando centena e meia de chefes de Estado e de governo lhe prestaram um tributo final, em Dezembro de 2013, foi notória a ausência do homem a quem Mandela confiara a presidência da Comissão da Verdade e da Reconciliação.

A terceira geração de governantes do ANC (depois de Mandela e Thabo Mbeki) não convidara Tutu para as cerimónias no estádio FNB, junto ao Soweto. Tiques de uma ressurgente aversão à crítica, em que é ágil e atento o antigo arcebispo anglicano. O preço de ter acusado o governo do

ANC de Jacob Zuma (actual presidente) de traír os mais frágeis e ignorar as suas raízes.

Recordo, por contraste, a reação de Mandela, em 1994, quando, três meses após ter sido eleito presidente, ouviu de Tutu que o governo de Madiba apenas parara o comboio dos governantes que engordam no poder para poder, ele próprio, entrar na composição.

Madiba ficou furioso – no-lo confidenciaram os seus próximos – mas conteve a reação humana primária. A disciplina – insistia sempre – é um dos requisitos mínimos de um líder. Outro é a ponderação do valor da crítica recebida, raramente apreciado a quente.

Dois dias depois apareceu em público, sorridente, de mão dada com Desmond Tutu; acabara de o convidar para presidir à Comissão da Verdade e da Reconciliação. E quando o arcebispo, passado ano e meio de audiências, emparelhou no relatório os abusos cometidos pelo regime de *apartheid* e os atribuídos aos movimentos que o combateram, Madiba defendeu esta “heresia”:

“Ninguém, seja por que justificação for, seja por que motivação for, tem o direito de cruzar os direitos de outro ser humano. E se queremos caminhar juntos no futuro, temos de nos abraçar no passado. Temos, todos, de saber pedir perdão e perdoar, por amor aos nossos filhos”.

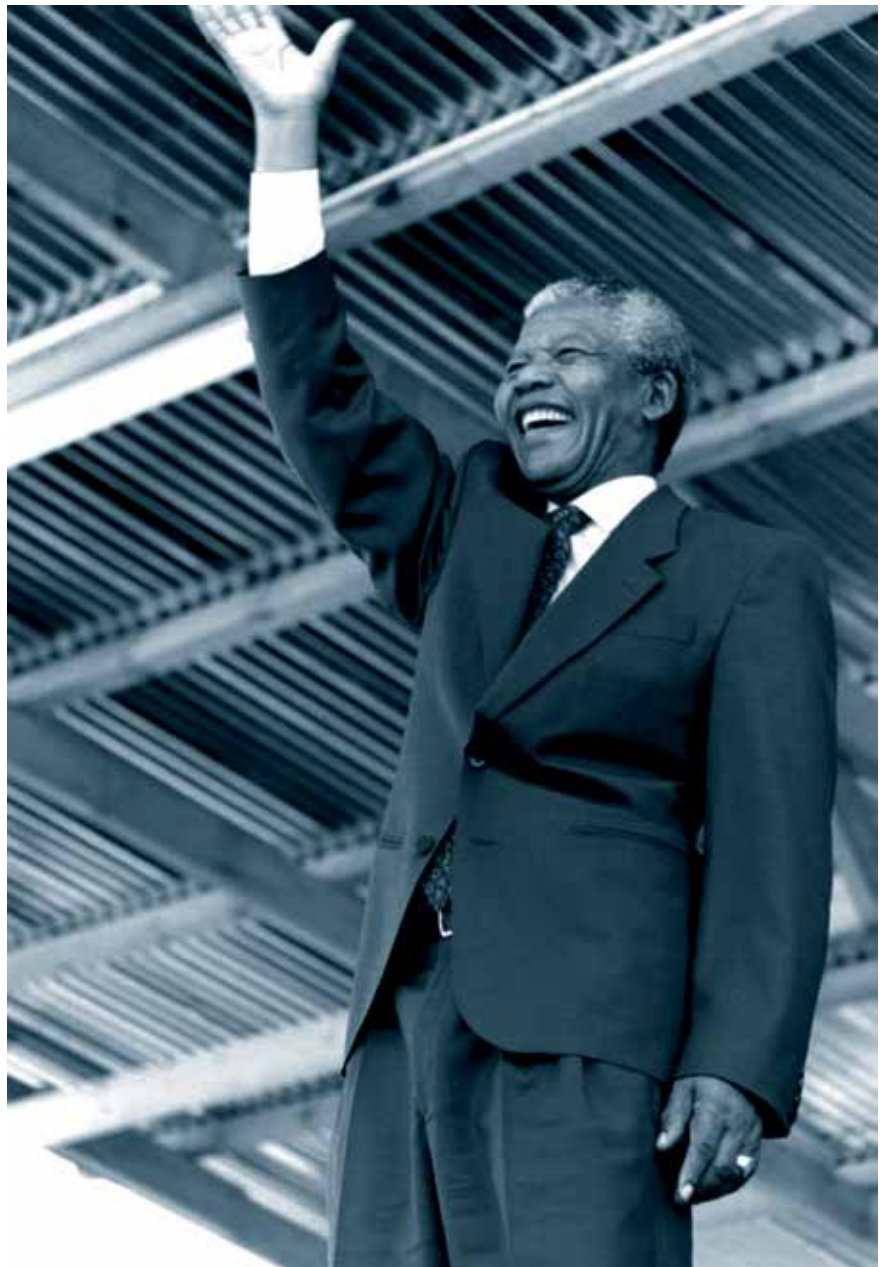
Mandela era assim. Mas também lúcido das suas limitações e imperfeições humanas. Da factura de, ao ser o pai de uma Nação, ficar muito aquém do que dele esperariam como companheiro e pai, as suas duas primeiras mulheres e respectivos filhos. “Nunca me vejam como um santo, a não ser que este seja para vós um pecador que continua a tentar” – vincava ele aos jornalistas que o acompanhavam. O homem que sempre se apresentava aos seus novos interlocutores: “olá, eu sou o Nelson Mandela” explicava na intimidade aos seus mais próximos que nunca devemos presumir sermos conhecidos. E que mesmo que o sejamos, ao descermos de um pedestal elevamos os outros. Estendemos pontes.

Barack Obama sublinhou essa liderança humanizadora de Mandela quando subiu ao palanque do estádio FNB para lhe prestar um derradeiro elogio de vida;

“Foi necessário um homem como Madiba para libertar não só o prisioneiro mas também o seu carcereiro. Para mostrar que devemos confiar nos outros de forma a que eles confiem em nós; para nos mostrar que a reconciliação não é uma questão de ignorar o passado mas confrontá-lo de forma inclusiva, com generosidade e verdade. Ele mudou leis, mas também corações”.

“Foi por admitir as suas imperfeições que o amávamos tanto. Mandela não era feito de mármore; era um homem de carne e sangue, um filho e marido, um pai e um amigo. E é por isso que tanto aprendemos com ele e é por isso que ainda o podemos continuar a fazer. Porque nada do que fez era inevitável.

“No arco da sua vida vemos um homem que conquistou o seu lugar na história através da luta e visão, persistência e fé. Ele diz-nos que isso não é



possível só nas páginas dos livros de história mas, também, nas nossas próprias vidas”.

Quando o negociador-chefe do último governo branco sul-africano me disse que guardaria Mandela no coração “como um pai”, anotei esta expressão no meu bloco de apontamentos; Rolf Meyer pertencia ao *establishment* que titulava Madiba como o inimigo público número um de Pretória.

Mas Meyer era também um afrikander “verligte” (iluminado), que se tornara o braço-direito do presidente Frederik de Klerk quando este decidiu ser tempo de dismantelar o sistema de *apartheid*, libertar Mandela e fazer o impensável pelos seus antepassados; entregar o poder à maioria negra.

Quando lhe pergunto qual será, para ele, a maior herança de Mandela para a humanida-

de, sorri-me seguro: “Creio que o facto de ser um homem profunda e genuinamente humilde. Uma pessoa que pensava sempre primeiro nos outros: isso foi algo que sempre senti em todas as circunstâncias”.

Meses depois, esse sentimento é-me repetido em Londres por de Klerk, o presidente que mandou libertar Mandela: “Penso que o seu principal legado terá sido o empenho na reconciliação. A ausência notável de azedume por ele demonstrada. A forma como saiu do seu caminho para garantir que haveria uma paz duradoura entre negros e brancos”.

“A forma como se ergueu acima da amargura do passado. Por isso penso que ele, especialmente na África do Sul, será honrado para sempre pela sua determinação na construção da Nação e da reconciliação”. ■